

Amélia: quem é a mulher de verdade? um estudo sobre revisões nos padrões de relações de homens e mulheres na família em uma favela paulistana

Autora: Maria Inês Caetano Ferreira

Instituição: Centro de Estudos da Metrópole (CEM)/CEBRAP

Sessão temática: “Famílias, gênero e pobreza”

**Seminário: As famílias e as políticas públicas no Brasil
Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP
Brasília, 28 a 30 de Setembro de 2005**

Amélia: quem é a mulher de verdade? um estudo sobre revisões nos padrões de relações de homens e mulheres na família em uma favela paulistana

Maria Inês Caetano Ferreira¹

O objetivo deste trabalho é discutir alguns aspectos sociológicos relacionados às recentes transformações da posição feminina nas famílias empobrecidas. Isso porque observa-se a possibilidade da revisão de papéis sociais dos integrantes de grupos domésticos, até então fundamentados em uma estrutura desigual e hierárquica que atribui posição privilegiada ao chefe da família. De início, é imperioso destacar que não se trata de apontar a superação desse modelo hierárquico, mas sim de reconhecer a emergência de novos padrões de relacionamento de homens e mulheres nas famílias.

Este trabalho é resultado de pesquisa realizada com famílias residentes em uma favela na região sudoeste da capital paulista, no sofisticado distrito de Vila Andrade². Portanto, as conclusões acerca das transformações sociais que incidem sobre os padrões de relacionamento de homens e mulheres nas famílias, assentados em bases menos hierárquicas, devem ser contextualizadas. Afinal, os resultados da pesquisa refletem certas condições sociais vinculadas a características dessa determinada favela. Por isso, não nos parece possível generalizar as constatações alcançadas a partir da análise da realidade social pesquisada nessa favela e esse jamais foi o objetivo da pesquisa. A reflexão dos dados possibilita levantar aspectos da nossa realidade social atual, cujas condições para a sua experiência e adaptação revelam-se diversificados, porque se relacionam às particularidades dos contextos sociais. O reconhecimento das particularidades, no entanto, informa processos pelos quais os fenômenos sociais mais amplos tomam corpo.

Pesquisa: campo, método e amostra

A pesquisa de campo na favela foi realizada entre os anos de 2000 a 2002. O objetivo principal do estudo foi buscar compreender os impactos do fato de ser um morador dessa favela sobre os destinos dos indivíduos. A opção de investigar essa determinada favela deve-se à preocupação com o estudo de uma ocupação antiga, consolidada, com grupo de poder definido, atuante associação de moradores, redes sociais fortemente estabelecidas e localização em região com oferta de infra-estrutura e equipamentos públicos. Isso porque essas características tendem a facilitar o acesso dos moradores a bens que podem minimizar os efeitos da condição de vulnerabilidade social. Em contraste, o estudo de uma ocupação distante da região central, pouco valorizada pelo mercado imobiliário provavelmente corroboraria suspeitas de tendência de isolamento da população e a condição de extrema vulnerabilidade. A pesquisa dessa favela favorece o reconhecimento das complexidades do atual processo de segregação espacial, informando as conseqüências, para os moradores, do acesso à infra-estrutura urbana.

Famílias

A orientação para investigar famílias deve-se à relevância desse grupo na vida dos indivíduos, principalmente entre as populações empobrecidas. Pois, como explica Telles

¹ Pesquisadora Pós-Doc do Centro de Estudos da Metrópole (CEM)/CEBRAP

² Ferreira, Maria Inês Caetano. *Trajetórias urbanas de moradores de uma favela de um distrito de elite na Capital paulista*. São Paulo: tese de doutorado, Departamento de Sociologia da USP, 2003.

(2001:106), esses indivíduos tendem a acionar os recursos do mundo privado para tentar organizar a realidade caótica em que vivem, marcada pelas instabilidades do mercado de trabalho, precariedade material e pelos típicos incidentes de uma vida vulnerável. É por meio da família que homens e mulheres elaboram suas identidades, pertença e constroem sentido para o viver (*idem, ibidem*:107).

A autora informa os estreitos vínculos entre os modos de organização do grupo doméstico e os de ingresso dos indivíduos no mercado de trabalho: a necessidade de sobreviver impulsiona todos os integrantes do grupo para a atividade, mesmo os que deveriam estar na inatividade (crianças, menores de 16 anos, idosos). Porém, o movimento para se lançar ao mercado não obedece à “compulsão cega e muda das necessidades”, ou seja, há “normas culturais e valores morais que definem a disponibilidade de cada um para o mercado” (*idem ibidem*:108). O modo como os chefes de família, as mães, as filhas e os filhos jovens, as crianças e os idosos ingressam no mercado obedece a determinações impostas pelos valores morais do grupo. Essa autora ainda explica que os integrantes do grupo não se lançam individualmente ao mercado, mas como parte de um coletivo, estruturado por regras. Desse modo, parece difícil desvendar os percursos e as experiências dos indivíduos pelo mercado de trabalho sem compreender a situação do grupo doméstico: as pressões impostas pela necessidade de garantir a sobrevivência, os aspectos que os impelem a ingressar ou não no mercado, a frequentar a escola, a participar do orçamento doméstico etc.

Estudos recentes reafirmam a centralidade da família para os indivíduos. Roquera (1997:110), por exemplo, contesta as previsões de que esse grupo perderia suas funções para outros. A autora afirma que a família mantém-se como unidade básica de apoio e solidariedade devido à sua capacidade de adaptação ao recente processo de transformação das relações sociais. Essa adaptabilidade possibilitou à família ocupar posição de destaque na organização das relações dos indivíduos, atualmente atravessadas e influenciadas por múltiplas redes. Desse modo, o objetivo de compreender o atual quadro de transformações sociais envolve a necessidade de contemplar o estudo das famílias, na medida em que elas representam papel central na articulação das inúmeras redes, pelas quais os indivíduos circulam nos tempos atuais. Giddens (1991:110) reflete sobre as alterações ocorridas na família na modernidade, que sofre declínio no seu papel de organizador dos laços sociais, como o fora no modelo tradicional. Mas esse autor esclarece que tal declínio não abala a relevância das relações familiares para os seus integrantes, principalmente a família nuclear.

Jovens

O principal determinante para selecionar as famílias entrevistadas foi o fato de haver um jovem entre 14 a 24 anos. Apenas os pais e o jovem eleito foram entrevistados. Todavia foram recolhidas as informações sobre todo o grupo doméstico, inclusive dados gerais dos outros irmãos. A determinação da faixa etária orientou-se pela preocupação em levantar as diferentes situações no mercado de trabalho, pois a qualidade das relações tendem a alterar-se em razão da idade e do provável aprimoramento da força de trabalho com o amadurecimento. A composição da amostra contemplou todas as faixas etárias e procurou respeitar o equilíbrio na distribuição sexual dos indivíduos.

A investigação dos percursos dos jovens em seu ingresso no mercado de trabalho possibilita reconhecer aspectos sociológicos relacionados às recentes transformações ocorridas no mundo do trabalho. Afinal esse grupo não carrega nenhum tipo de experiência de trabalho que possa ser estigmatizada ou prestigiada pelos empregadores. Na verdade, os

jovens estão formando sua força de trabalho em um ambiente fortemente influenciado pelos novos valores que vigoram nos tempos recentes.

Mas o estudo dos jovens pode não somente orientar sobre as transformações no mundo do trabalho, como também os possíveis circuitos pelo mercado de consumo, o acesso a modernos equipamentos tecnológicos e os impactos sobre a vida dos indivíduos, os amplos percursos pelo espaço urbano fomentados inclusive por modos de lazer, o acesso a múltiplas redes e a experiência com a escola. Perseguindo as conclusões de Peralva (1997:23), a investigação das experiências juvenis contribuem para desvendar esse mundo novo, na medida em que são as próprias “categorias de inteligibilidade” dos jovens que auxiliam na construção desse mundo, ao contrário do adulto, que ainda “vive sob o impacto de um modelo que se decompõe”.

Amostra

A amostra se compõem de doze famílias, duas delas com chefia feminina, uma composta por um casal jovem (dentro da faixa etária definida como recorte da pesquisa), uma outra em que o jovem vivia sozinho. Houve cinco casos em que os pais não concederam entrevista, uns porque não queriam falar, outros porque estavam muito ocupados e os que se sentiram pouco à vontade para relatar suas vidas, nesses casos as esposas informaram as trajetórias dos companheiros. Em apenas duas famílias os pais (que eram chefes provedores) concederam entrevista e, em uma outra, o companheiro (que não era provedor) da mãe do jovem selecionado foi entrevistado. Esse esclarecimento é importante porque as análises das trajetórias masculinas das gerações mais velhas ancoram-se principalmente nos relatos desses três entrevistados. É certo que as histórias dos outros homens, recolhidas nas entrevistas com companheiras e filhos, enriquecem a investigação, mas a explicação para a insistência nesses três casos deve-se às questões impostas pelo campo de pesquisa. Apesar de terem sido recolhidas poucas trajetórias masculinas das gerações mais velhas, isso não é um problema para os resultados da pesquisa. Afinal, como explica Pais (2001:110) as razões que definem o tamanho da amostra manifestam as orientações do método qualitativo: “atingir a saturação informativa” e não a necessidade de prender-se a metas quantitativas pré-estabelecidas. Mais do que atingir a generalização, a pesquisa qualitativa procura desvendar as formas de relações entre os sujeitos, os processos pelos quais os aspectos gerais informados pelos estudos quantitativos se conformam.

A determinação do estudo de famílias de jovens explica-se pela preocupação em compreender as transformações da sociedade atual. O cotejo dos dados das gerações mais velhas e novas possibilitam flagrar as diferenças nas expectativas, atitudes e expectativas em relação ao trabalho, a modos de consumo, padrões de relacionamento entre homens e mulheres etc. Desse modo, os relatos de mães, pais e filhos informam padrões de relacionamento dos sexos para as gerações adultas e as jovens. Uma vez que as entrevistas abordaram diversas esferas das vidas dos entrevistados, é possível cotejar os padrões de relacionamento com os diferentes modos de inserção no mercado de trabalho dos dois sexos, ao longo das décadas, assim como outros aspectos também influentes.

Estudo de trajetórias

As trajetórias foram recolhidas através de entrevistas de longa duração, quando os indivíduos foram convidados a informar seus movimentos ocupacionais, de migração, moradia, consumo, as formas de lazer, enfim, as diversas facetas que compõem a vida e não somente as experiências como trabalhadores. Ao explicar o método do estudo de biografias,

Cabanes (2000:31) aponta a necessidade de o pesquisador considerar todas as esferas que compõem a vida dos pesquisados, porque elas se integram. Esse autor explica também que as interconexões entre as esferas tendem a ser especialmente relevantes para o pesquisador para compreender os processos contidos nas biografias.

Cabanes (*idem.ibidem*) ainda destaca que o objetivo das histórias individuais é captar o coletivo, na medida em que os relatos do cotidiano expressam as estruturas mais amplas da sociedade. Revel (1998: 22) esclarece que o estudo das diversas histórias individuais conduzem a um universo social que é comum a todas elas. Pois, ainda perseguindo o raciocínio do autor, na vida de todos os indivíduos surgem questões, problemas que são solucionados a partir de elementos derivados ou influenciados por regras sociais. Cabanes (2002:14) destaca que a investigação de histórias de vida de homens e mulheres comuns, que não ocupam posição de poder e destaque na sociedade, possibilita reconhecer as orientações mais gerais que organizam as relações sociais e como elas são operacionalizadas. Ao contrário, o estudo de biografias extraordinárias provavelmente esclarecem situações incomuns, não triviais no dia-a-dia, que, na verdade, talvez rompam com a generalidade.

Thompson (1980:253) assinala a oportunidade de captar os processos de mudanças sociais por meio dos atores e suas práticas. Nesse sentido, é necessário considerar as incidência dos processos de mudanças sociais sobre os indivíduos assim como o alcance inovador de suas práticas para operar transformações mais amplas na realidade social. A compreensão dos processos de mudança social é favorecida pelo estudo das trajetórias pelo fato de os indivíduos relatarem as diversas fases da vida, ao longo do tempo, situando os acontecimentos em uma escala temporal. Desse modo, é possível recuperar as práticas e os eventos, correlacionando-os com os períodos históricos.

O método do estudo das trajetórias revela-se particularmente eficiente em realidades sociais com frágil regulação institucional e essa é exatamente a situação dos moradores de uma ocupação ilegal. Afinal, contextos fortemente institucionalizados tendem a obedecer regulações, padrões, expectativas gerais sobre as quais a própria institucionalização é organizada. Mas naqueles com frágil institucionalização são comuns as situações de ruptura, revisões, aleatoriedade, particularidade. Isso é mais bem explicado por Lautier e Pereira (1994:128) que adotaram o método para estudar os diversos mercados de trabalho de migrantes no país. Por causa do método, eles foram capazes de captar e compreender as inúmeras formas de circulação da força de trabalho por um mercado variado, que não se regula somente por fatores econômicos.

No caso particular dos moradores da favela, o método revela-se acertado devido às freqüentes instabilidades que assaltam as suas vidas, em razão da vulnerabilidade a que estão sujeitos. E essa vulnerabilidade manifesta-se, entre tantas formas, no tipo de ocupação do solo, pois a fragilidade inscrita na posse ilegal torna-os sujeitos ao abandono da moradia, e ao conseqüente prejuízo por causa do investimento ali realizado, a qualquer momento. A instabilidade da condição de moradia, por sua vez, associa-se às condições precárias de inserção no mercado de trabalho, que se caracteriza por ocupações mal-remuneradas e que exigem força de trabalho pouco qualificada, geralmente descobertos das proteções trabalhistas devido às relações informais, aos vínculos muito curtos e sucedidos de constantes períodos de desemprego.

O cotejo e a correlação dos resultados da análise das trajetórias das duas gerações de famílias da favela com os períodos históricos conduzem a revelações sobre as relações entre os sexos. Para as gerações adultas, o padrão desigual e hierárquico revela-se dominante na

orientação da distribuição de papéis sociais na família. De modo geral, as mulheres informaram a clássica trajetória de retirar-se do mercado de trabalho para cuidar da família, logo após o nascimento dos filhos. Algumas donas-de-casa revelaram intenção de retornar ao mercado, buscando alternativas para o cuidado dos filhos pequenos, porém foram dissuadidas pelo companheiro, chefe do grupo. Todavia, no caso de algumas das filhas jovens entrevistadas, observamos novas atitudes e valores em relação ao sexo oposto. Elas anunciam a disposição de manterem-se em atividade, mesmo após a união conjugal e o nascimento dos filhos. Um dos aspectos mais instigantes é a posição de chefes de família que reprovaram a ocupação da companheira após a união, mas apóiam a independência de suas filhas. Essa realidade certamente não é predominante na favela, onde boa parte das mulheres ainda se ocupa em empregos domésticos e prioriza as tarefas da esfera da reprodução. Entretanto, a revelação de novas atitudes e valores merece atenção pois sinaliza novos movimentos da organização social.

A favela: homens e mulheres

A favela pesquisada está localizada no distrito de Vila Andrade, zona sudoeste da capital paulista, com área de 15.000.000 m², na época os registros oficiais apontavam 30 mil habitantes, embora a associação local insistisse que ali viviam mais de 50 mil moradores. O distrito caracteriza-se pela polarização sócio-espacial, pois concentra inúmeras favelas ao lado de luxuosos condomínios residenciais e comerciais. Vale destacar, que há algumas décadas os projetos de expansão do mercado imobiliário privilegiam essa área, que vem recebendo investimentos privados e também públicos.

Segundo informação da associação dos moradores, a ocupação do local iniciou-se na década de 50, embora nenhum dos entrevistados conhecesse alguma família ali instalada há tanto tempo. Entre as famílias entrevistadas, as mais antigas se estabeleceram na década de 70 e, segundo os relatos, provavelmente esse foi realmente o período do início da ocupação de forma mais sistematizada. Os entrevistados contaram que na década de 70 a região se assemelhava ao local de origem da maioria dos moradores (zona rural do Nordeste): parecia uma fazenda, só tinha mato, não tinha infra-estrutura nem conforto. A entrevistada Sirleide (de 42 anos, há 20 na favela) explicou que o adensamento da favela iniciou-se com a migração de parentes e amigos dos primeiros moradores, vindos do mesmo local de origem. A jovem Beatriz (de 21 anos, que vivia na favela há 19) informou que os moradores escreviam para os parentes, descrevendo as novidades e o conforto da capital, que contrastavam com a vida rústica na zona rural. Eles, então, seduzidos pela cidade, migravam, hospedavam-se inicialmente na casa dos parentes e, com o tempo, compravam um pedaço de terra e construíam suas casas. Segundo Sirleide, os pioneiros trabalhavam na construção dos primeiros condomínios na região e indicavam os parentes, que então migravam para a capital com emprego garantido. Ela concluiu que a oferta de trabalho foi importante para atrair uma massa de migrantes pouco qualificada, acostumada ao trabalho na lavoura.

O fato de o adensamento da favela ter ocorrido por meio da migração de parentes e amigos dos primeiros moradores, oriundos do mesmo local de origem, provocou a concentração de poucos grupos. Por esse motivo, mais da metade da população era nordestina, de duas regiões específicas, uma do estado da Bahia e outra de Pernambuco. A concentração de população originária de apenas duas determinadas regiões da zona rural possibilitou aos moradores reproduzir a cultura do local de origem. Ou seja, apesar de morar em São Paulo, eles mantêm fortes elos com a terra natal. Na favela, a convivência ocorre principalmente entre parentes e amigos e esses laços são fundamentais para a elaboração da identidade social e pertença. Na favela, as redes sociais que organizam os contatos dos

moradores com as inúmeras esferas que compõem o espaço urbano apóiam-se nas redes migratórias. Por isso mesmo, a indicação de amigos, vizinhos e parentes foi o método mais citado pelos entrevistados para alcançar uma colocação no mercado de trabalho.

O predomínio da presença de famílias migrantes da zona rural sobre a população local influenciou os padrões de organização das relações familiares, ancorados em orientações tradicionais, caracterizadas pela desigualdade hierárquica dos sexos. A maior parte das mães entrevistadas confessaram ter conhecido seus companheiros na capital. Embora instalados longe do local de origem, o padrão de relação dos casais reproduziu essas orientações mais tradicionais da zona rural. O depoimento da jovem Beatriz (21 anos, vivia na favela há 19) esclarece esse processo. Os seus pais migraram da zona rural. A mãe (Mariana) migrou do interior do Sergipe, aos 17 anos, para fugir de um marido violento. Tempos depois, Mariana conheceu aquele que seria seu novo marido. Beatriz revoltava-se por sua mãe ter concordado com a reprodução do padrão de casamento de seus avós, da zona rural. A jovem acreditava que os pais poderiam ter estabelecido relações menos desiguais, que concedessem mais liberdade à Mariana, isso porque a união deu-se na capital paulista, onde se cultivam valores mais modernos do que os dos avós. Mariana abandonou o trabalho após o nascimento de Beatriz, retornando somente depois de o filho mais novo tornar-se adolescente e mesmo assim de forma esporádica. Isso porque o marido e os filhos opuseram-se à ocupação da mãe, argumentando que lugar de mulher honesta é em casa e que o retorno ao trabalho lançaria dúvidas à sua moral. Beatriz criticou a mãe por ter renunciado a sua independência para tornar-se dependente do marido.

A rígida divisão dos papéis sociais, que vincula as mulheres aos cuidados com a esfera da reprodução e os homens à responsabilidade de chefe provedor, fica demonstrada na afirmação de Sebastião (64 anos, migrou da Bahia e morava na favela há 18 anos), um dos chefes de família entrevistado, ao responder se a sua esposa já havia trabalhado: “Não. Eu acho que a mulher tem que tomar conta de casa. É minha opinião.”

A dependência financeira das mulheres em relação aos homens resulta na subalternidade feminina. A jovem Ariadne (23 anos, morava no local há 12 anos) descreveu aspectos das relações de poder na favela, introduzindo a posição privilegiada dos homens em relação às mulheres. Ariadne manteve por alguns meses união conjugal com um criminoso local, que participava do grupo que comanda a favela na época da pesquisa. A união encerrou-se com o assassinato do companheiro. O curto período em que Ariadne frequentou esse grupo possibilitou-lhe conhecer detalhes da organização do poder local.

Esse grupo parecia extenso e compunha-se de indivíduos relacionados a atividades criminosas como também de lideranças políticas e comerciantes da favela. Ele se organizou após o fim da violenta disputa entre alguns grupos para a conquista do monopólio das atividades criminosas. Essa disputa perdurou por mais de cinco anos (durante a primeira metade da década de 80) e aterrorizou os moradores devido aos tiroteios cotidianos, que atingiam a todos, indistintamente, tanto nas ruas quanto nas casas, que eram sempre invadidas pelos contendores. Por fim, um dos grupos venceu a disputa e impôs, além do monopólio da exploração das atividades criminosas, um rígido padrão de comportamento, cujos objetivos eram a submissão ao poder desse grupo e também o respeito aos moradores para que enfim pudessem planejar as suas vidas. O fato é que, até o período da pesquisa, o controle desse grupo sobre praticamente quase todas as atividades no local reverteu em uma relativa pacificação das relações sociais, até porque o dissenso era violentamente reprimido.

De modo geral, os integrantes desse grupo eram os mais endinheirados da favela e compunham a elite não apenas social e política do local, mas também financeira. Segundo Ariadne, havia uma forte concentração de riqueza na favela, onde pobres e endinheirados mantinham-se distantes. A jovem contou que os indivíduos que participavam do grupo que comandava o local costumavam relacionar-se apenas com seus pares, evitando aproximação com os moradores mais simples da favela. Ariadne disse que uma das estratégias mais eficientes para um novo morador integrar-se a esse grupo era ostentar suas posses, a saber: exibir cartão de crédito, aparelhos modernos de celulares, realizar uma reforma dispendiosa no domicílio, andar com carros caros, gastar muito dinheiro no comércio local etc. As aparências atraíam a atenção do grupo já estabelecido.

Um dos aspectos mais interessantes explicitados por Ariadne sobre as relações de poder local é o papel representado pela mulher no jogo de forças. Ela contou que as mulheres operam como moedas, uma vez que outorgam poder aos homens. Isto é, poder político, econômico e virilidade amalgamam-se. A competência de um homem para conquistar mulheres (e quanto mais melhor) e mantê-las sob sua autoridade incide sobre a sua capacidade de comandar outros homens. Por isso, os homens disputam entre si as mulheres na favela e perder a mulher para ou ganhar a mulher de outro, mais do que um assunto da vida íntima, é uma das estratégias do jogo político no local. Os principais manipuladores dessa estratégia, sem dúvida, são os homens que exercem o poder, todavia, ela se dissemina entre os moradores do sexo masculino em geral. Uma das conseqüências desse processo é o controle dos homens sobre as suas mulheres, já que a virilidade e o prestígio social masculino relacionam-se à sexualidade feminina, que sempre pode vir a ser seduzida por outro. Por esse motivo, as mulheres casadas e as solteiras zelosas de sua moral permanecem preferencialmente dentro de casa, evitando a longa permanência na rua e nos pontos de comércio. Ariadne e outras entrevistadas explicaram que as mulheres que permanecem longos períodos nas ruas e comércio da favela comunicam concordância com o jogo da conquista masculina. Isso converte o espaço fora da casa em uma esfera masculina. Uma vez que não há espaços comuns para a convivência na favela, exceto a rua e os pontos de comércio, as mulheres tendem a isolar-se nas casas, resultando na constante reclamação das entrevistadas de casos de depressão.

Ariadne ainda relatou que as mulheres dos homens desse extenso grupo que comanda a favela têm mais liberdade para circular pelas ruas e pontos de comércio do que a maioria das moradoras, possibilitando que elas se esquivem do isolamento do lar. Essa foi a situação que ela experimentou quando participou do tal grupo. Ariadne tinha liberdade de frequentar lugares movimentados na favela, sem a recriminação popular de sua moral. A jovem demarca essa diferença de padrões de comportamento para as mulheres porque, antes de unir-se ao criminoso, ela foi garota de programa e, apesar de dispor de muito dinheiro e bens nessa época, era enxovalhada pela população da favela, que considerava-a uma “galinha”. Nesse tempo, quando Ariadne frequentava locais movimentados na favela, a população censurava-a com olhares e comentários recriminadores. Ao contrário, no tempo em que estava com o criminoso, a população a respeitava.

A jovem explicou que a população tolera a presença das mulheres que participam desse grupo dominante porque, de modo geral, os outros homens temem seduzi-las devido as possíveis retaliações violentas. Isso porque, na favela, havia uma severa lei que decretava a expulsão definitiva do homem que ousasse seduzir alguma das mulheres de alguns dos integrantes desse grupo, em caso de resistência, ele era morto. Mas é necessário explicar que a suposta liberdade atribuída às mulheres do grupo dominante não expressa autonomia. Pelo

contrário, o objetivo da oportunidade de permanecer em espaços coletivos é exibir o poder (e a virilidade) do seu homem. Ariadne, então, freqüentava as ruas e os bares, mas muito bem vestida e perfumada, para que os outros homens invejassem a capacidade de o criminoso ter sob sua autoridade uma bela mulher. A jovem confessou que o privilégio experimentado nessa época não a tornou uma pessoa feliz. Na verdade, ela era infeliz porque, apesar de seduzida pelo companheiro, ele não conquistou o que ela guardava de mais importante: os seus sentimentos.

Um dos efeitos da subalternidade feminina, provocado por esse modelo de relacionamento dos diferentes sexos, é a conseqüente invisibilidade de sua ação. Uma vez que o espaço privilegiado das mulheres é o doméstico, o que elas realizam fora da casa não é perceptível, em contraste com os homens. As formas de inserção dessas mulheres no mercado de trabalho é uma das razões, embora não a única, dessa situação.

A invisibilidade feminina

Todas as mães entrevistadas informaram que, em algum momento de suas trajetórias, ocuparam-se como domésticas, algumas antes, outras depois e poucas durante a união conjugal. Essa forma de inserção no mercado de trabalho aponta, pelo menos, duas questões. A primeira revela as imbricações entre movimento de expansão urbana e mercado de trabalho. Pois, se a região tornou-se alvo dos empreendimentos imobiliários, em um primeiro momento, foram atraídos operários para a construção civil e esse foi um dos mais vigorosos pretextos do processo migratório, que estimulou o adensamento da favela. Em um segundo momento, esses empreendimentos demandaram força de trabalho para os serviços domésticos, de reparação e também para o comércio, daí revelou-se fundamental a presença das mulheres da favela.

Uma outra questão indica que o movimento que atraiu a força de trabalho masculina com pouca qualificação na primeira fase (a da construção civil) envolveu o acolhimento do mesmo tipo de força de trabalho feminina. Isto é, parece haver mecanismos no modo como o mercado de trabalho absorve a força de trabalho com pouca qualificação que estimula a divisão hierárquica dos papéis na família. Afinal, tal divisão respondeu às demandas de trabalho originadas pelo mercado. A rígida divisão dos papéis na família, que atribui à mulher a responsabilidade pela administração da esfera reprodutiva, promoveu a oferta de trabalhadoras requeridas pelo mercado, uma vez que o emprego doméstico explora as atividades típicas da esfera da reprodução. Ou seja, parece haver um encadeamento nas representações sociais do papel da mulher na família, vinculada à esfera da reprodução, e nas representações empregadas no processo seletivo ocupacional. Isso porque as representações nos dois campos estão imbricadas e ancoram-se em diferenças biológicas, que são investidas de valores sociais e, assim, buscam “naturalizar” diferenças construídas socialmente, promovendo formas variadas de discriminação e prejudicando alguns grupos contra o benefício de outros. A valorização de determinados padrões de qualificação - repletos de representações hierárquicas que lançam as mulheres a posições inferiores aos homens - , pelo mercado, consagra as habilidades “naturais” das mulheres, mantendo-as em postos menos nobres (Valenzuela:1999: 99).

Telles (1992:270) e Montali (1995:101 e 115) refletem sobre as desigualdades nas relações familiares, destacando o elevado valor do rendimento do chefe da família, estimado como a principal fonte de renda do grupo, enquanto o feminino é considerado complementar ao do chefe. Esse argumento se desvela ao longo dos relatos de diversas mães entrevistadas, pois apenas algumas delas empregavam seus rendimentos na aquisição de itens fundamentais

para a sobrevivência do grupo. Não por acaso, eram famílias com chefia feminina ou nas quais houve a revisão dos papéis sexuais, em que a mulher e o homem compartilhavam a responsabilidade pelo grupo. De modo geral, as mães informaram aplicar seus modestos rendimentos na compra de produtos supérfluos, a saber: produtos de beleza, guloseimas para os filhos, artigos modernos e bonitos para a cozinha etc. Um aspecto interessante é que elas expressaram júbilo pelo fato de poder adquirir com seu próprio rendimento produtos dispensáveis, bonitos, que enriqueciam o dia-a-dia. A relevância por atribuída a esse tipo de consumo possibilita supor que ele proporciona a sensação de liberdade que é cotidianamente restringida pela desigualdade hierárquica das relações familiares.

As reflexões de Arendt (2003: 46) sobre o conceito de boa vida, desenvolvido por Aristóteles, auxiliam compreender esse júbilo. Essa autora enfatiza que o sentido de boa vida relaciona-se com a condição de o sujeito dominar as necessidades da sobrevivência, comuns a todas às criaturas. Isto é, ao liberar-se dos constrangimentos da sobrevivência, a vida do sujeito deixa de limitar-se ao processo biológico e ele pode viver a sua condição de humanidade. Assim sendo, a capacidade de as mulheres adquirirem produtos supérfluos, totalmente dispensáveis à sobrevivência, é uma maneira de ultrapassar a existência restringida à esfera doméstica, caracterizada, como ensina essa autora, pela satisfação das necessidades físicas. A possibilidade de comprar xampu, presilha de cabelo e outros itens totalmente dispensáveis desperta nessas mulheres a impressão de que as suas vidas adquirem mais colorido, significado, de que elas fruem a sua humanidade ao excederem os estreitos vínculos com o espaço doméstico, ao qual estão constrangidas.

Mas, retornando à discussão de Telles (*op.cit.*) e Montali (*op.cit.*) acerca das diferentes considerações aos rendimentos dos sexos. As autoras explicam que essas diferenças vinculam-se às representações sociais atribuídas aos dois sexos e são ratificadas pela desigualdade praticada pelos empregadores, que oferecem as melhores oportunidades de emprego para homens na faixa de 35 a 49 anos. As mulheres e os jovens geralmente conseguem colocação em postos menos qualificados e pouco remunerados, por isso o rendimento do chefe tende a ser mais elevado, resultando na dependência dos integrantes do grupo ao chefe.

O fato de as mães entrevistadas comumente ocuparem-se em postos menos prestigiosos - em razão de o conteúdo das atividades relacionar-se às tarefas da esfera da reprodução, portanto vinculado a elementos que participam do processo de construção da subalternidade feminina em relação ao homem - e receberem remuneração inferior ao chefe da casa estimula a concepção de que o trabalho feminino não apenas é menos importante que o do chefe, como pode até mesmo tornar-se invisível, não ser contabilizado na trajetória do grupo. Esse fenômeno se manifesta ao longo das entrevistas das mães e dos pais entrevistados. Pois, nas entrevistas com os pais, o tema da trajetória ocupacional ocupou posição central no enredo de suas vidas, já a citação dos acontecimentos familiares foi eventual e tratou apenas de situações definitivas para os seus destinos. Em contraste, nos relatos femininos, a trajetória familiar foi abordada intensamente, enquanto a ocupacional exigiu estímulo para ser apresentada. Não raramente, as mães esqueciam etapas da vida ocupacional ou desconsideravam algumas experiências de trabalho. De qualquer modo, a única conclusão impossível é a de que as mulheres tendem a dedicar-se exclusivamente aos cuidados com a esfera da reprodução. Todas as mães confessaram o ingresso no mercado de trabalho em algum momento de suas vidas, inclusive porque as dificuldades materiais do grupo não possibilitavam dispensar tal contribuição. Mas, apesar da inquestionável participação feminina no mercado, ela tende a manter-se obscurecida na maior parte das

vezes. Vale ressaltar que nos primeiros tempos da migração, não raramente, as mães informaram intenso envolvimento com o mercado de trabalho, semelhante ao dos homens. O inquestionável comprometimento feminino com o trabalho, divulgado nas entrevistas, contesta a possível “naturalidade” da relação da mulher com a esfera reprodutiva.

A história da entrevistada Sirleide (maranhense, 42 anos, há 20 anos na favela) elucida aspectos da trama social que tende a ofuscar a ativa participação feminina no mercado de trabalho. Ela migrou para São Paulo em 1977 e trabalhou na casa de três família ao longo de cinco anos. Em 1982, ela abandonou o trabalho para se casar e então passou a auxiliar o marido no pequeno bar na favela e também no fornecimento de marmitas para os operários das construções de prédios na região. Sirleide levantava antes da cinco horas da manhã para preparar as trinta marmitas e depois cuidava do bar por todo o dia. Depois de dois anos, o marido desistiu de vender marmitas porque estava cansado e ela, morta.

O marido de Sirleide aplicou parte do lucro das marmitas na compra de outro bar e mais uma padaria; mais tarde, o lucro dos três estabelecimentos foram aplicados na aquisição de outros bares, mercadinho e pizzaria, todos na favela. A atuação de Sirleide foi essencial para o sucesso dos negócios da família, que se tornou uma das mais ricas da favela.

Poucos anos antes da entrevista, Sirleide assumira o comando das atividades internas dos pontos de comércio e o marido, das atividades externas (compras, contato com os fornecedores etc.), além de engajar-se no sonho da carreira artística do filho mais velho, no qual ele passou a investir a maior parte dos lucros dos negócios da família. Sirleide reclamou da diferença entre as suas atividades e as do marido, isso porque as dele eram flexíveis, não obedeciam a um horário, permitindo-lhe circular por diversos lugares e estabelecer contatos com pessoas diferentes. Em contraste, para ela não havia tempo livre, ocupando-se de manhã à noite com tarefas simples, rotineiras porém fundamentais para a manutenção dos negócios. Apesar da total dedicação de Sirleide à família e ao sucesso de seus negócios, da falta de tempo para cuidar de si própria, as suas atividades eram invisíveis. Isso pode ser constatado no fato de que o seu filho mais velho, o artista, era estimado por muitos moradores na favela, e o chefe da família, por sua vez, era um dos homens mais populares no local, todos os moradores o conheciam, assim como aos seus pontos de comércio. Entretanto, Sirleide era desconhecida, praticamente ninguém - nem mesmo muitos dos frequentadores do mercadinho - sabia o seu nome ou o que ela fazia. Não parece impossível que, em uma pesquisa de emprego e desemprego, Sirleide fosse classificada como trabalhadora não remunerada em negócio familiar, ao invés de proprietária.

Novamente, as reflexões de Arendt auxiliam a interpretar o fato de as ações de uma mulher, como Sirleide, tornarem-se invisíveis, apesar de fundamentais para que a vida mantenha o seu movimento. As discussões de Arendt (*op.cit*:51) acerca da ação, como principal forma de relação humana, elucida alguns aspectos relacionados às diferenças na avaliação das ações masculinas (visíveis) e femininas (invisíveis). Segundo essa autora, a esfera pública seria o espaço da ação, por meio da qual os homens buscam diferenciar-se dos outros, expressando assim a sua individualidade, alcançando visibilidade. Pelos relatos de Sirleide, as ações de seu marido guardam semelhanças com as afirmações da autora acima, pois elas envolvem o contato com os outros, que as reconhecem, conferindo-lhes veracidade (o que é atestado pela popularidade do chefe na favela), por fim, ele se destaca dos outros e conquista a identidade por meio de sua ação. A ação de Sirleide provoca efeitos diferentes, pois os outros não a reconhecem, não a vêem. Isso porque as suas tarefas são corriqueiras, mecânicas e voltadas para a manutenção da existência, ou seja, atividades indispensáveis para o prosseguimento do dia-a-dia, mas tão triviais que ninguém percebe o fato de que alguém as

realiza (talvez viessem a perceber se ninguém as realizasse). Esse tipo de tarefa corriqueira não envolve nenhum talento particular, pois todos podem e devem cumpri-las, já a ação voltada para o exterior pode consentir a expressão de talentos particulares, pelos quais o ator se destaca dos outros³.

As ponderações de Arendt sobre as esferas privada e pública oferecem pistas sobre os impactos do encerramento da ação feminina no âmbito doméstico. Isso porque as trajetórias dos entrevistados parecem reproduzir as características de cada uma das esferas, desenvolvidas pela autora. Arendt (*op.cit.*: 40 a 60) explica que a esfera privada é o espaço no qual as necessidades da vida são atendidas e onde reina a desigualdade e a submissão. A esfera pública, pelo contrário, é o reino da igualdade, onde as ações são ouvidas e presenciadas pelos outros e onde as preocupações dos sujeitos tornam-se importantes para os outros.

O encerramento das mulheres no mundo privado faz com que as suas ações não repercutam no espaço exterior. O labor cotidiano e as suas conseqüências sobre os destinos das mulheres parecem não alcançar visibilidade, não conseguem tornar-se importantes para os outros. Provavelmente, por esse motivo os mesmos sofrimentos que atingem a muitas das entrevistadas eram experimentados como um problema individual, resultado da incompetência de cada uma para lidar com os atributos que lhes cabem.

A maioria das entrevistadas encerradas a tempos no lar informou conviver com a depressão que, não raramente, provocava enfermidades ao longo dos anos. Esse era o caso de Luzia (pernambucana, 64 anos, há 17 anos na favela) que se mudou para São Paulo aos 18 anos, logo após o casamento. Os problemas de Luzia se iniciaram nos primeiros anos da migração. O marido era caminhoneiro e viajava por longos períodos, enquanto Luzia permanecia dentro de casa apenas com os filhos pequenos. Os longos períodos de solidão e os freqüentes casos de relações extraconjugais do marido provocaram crises de depressão e insegurança que abalaram a saúde de Luzia. Em poucos anos, a moça faceira que conquistou o marido converteu-se em uma mulher doente, infeliz e solitária. Anos depois, a família retornou para o local de origem, onde o marido conheceu uma outra moça ainda faceira e por quem abandonou Luzia, que estava grávida do último dos quatro filhos do casal. O marido voltou para São Paulo, instalou-se na favela com a nova companheira e deixou Luzia e filhos passando necessidades. Luzia sustentou os filhos sozinha e perseguiu o marido até conseguir instalar-se na mesma favela, na esperança de reconquistar o seu grande amor. O marido morreu anos depois, sem nunca reaproximar-se de Luzia. Ela ocupou-se no emprego doméstico desde seu regresso à capital, porém estava ameaçada de demissão por causa da debilidade física provocada pelas doenças adquiridas ao longo de sua triste história de vida.

Afinal, para que servem os homens???

Como foi levantado acima, os empregadores privilegiam a força de trabalho masculina de 35 a 49 anos, para quem são reservados os melhores postos, mais bem remunerados. Por esse motivo, as famílias chefiadas por homens nessa faixa etária tendem a experimentar melhores condições materiais do que as de chefia feminina ou apenas com

³ É necessário destacar que as afirmações a respeito da ação de Sirleide e de seu marido não correspondem integralmente ao conceito desenvolvido por Arendt, associado à política, diferentemente do comportamento, que seria o procedimento mais comum na atual sociedade de massa. Todavia, a despeito das diferenças, o fundamento de seu argumento indica aspectos relevantes, sem os quais talvez não fosse possível captar a intensidade do fenômeno analisado.

integrantes mais jovens ou mais velhos, agravando-se em caso de predomínio do sexo feminino (Montali, 2000: 66).

Na pesquisa com as famílias, as condições materiais da maioria dos grupos com chefia masculina eram mais confortáveis do que a de grupos com chefia feminina. Porém, em apenas um caso o chefe estava na faixa etária de 35 a 49 anos, todos os outros eram mais velhos. A relativa estabilidade da família explica-se pelos bens adquiridos - como a casa própria ou a organização de algum tipo de comércio com o qual era possível complementar a renda - no tempo em que a remuneração do chefe era mais elevada. A instabilidade era mais grave nos grupos que não conseguiram reunir nenhum patrimônio e o chefe mantinha-se ocupado na mesma atividade, mas com menor rendimento porque já não dispunha do mesmo vigor para executar as tarefas, como os pedreiros, jardineiros etc. Os piores casos eram os de homens que não conseguiram ocupação e renda suficiente para responder pela chefia, dependendo da participação de outros integrantes, principalmente da mulher.

Mas as condições mais confortáveis das famílias com chefe provedor tem uma contrapartida: a dificuldade para a cônjuge manter o chefe ao seu lado. Os resultados da pesquisa informam que as crises conjugais são corriqueiras e a união conjugal está sujeita ao jogo de sorte e azar, com pouca margem de atuação para os integrantes. O interessante é que, muitas vezes, a estabilidade de um casal parece arrastar consigo o seu avesso. Isso porque a estabilidade alcançada pela cônjuge e o chefe provedor pode estar relacionada com a vulnerabilidade que atinge a ex-cônjuge. Essa era a situação da família chefiada por Sebastião (baiano, 64 anos, na favela há 18 anos), que vivia harmoniosamente com a segunda cônjuge, Neusa (baiana, 47 anos, morava na favela há 18 anos). A tranquilidade expressa por Neusa, devido a estabilidade conjugal e material opunha-se às dificuldades enfrentadas pela ex-cônjuge de Sebastião, uma vez que ele quase nunca auxiliou sua primeira família, por ele abandonada quando os filhos ainda pequenos.

A triste história de Luzia revela os prejuízos do abandono do chefe da família. Ao longo dos quinze anos de casamento, Luzia suportou a solidão, a falta de apoio e as traições do marido, em consequência, desenvolveu depressão e outras sérias enfermidades, além de perder a jovialidade, a espontaneidade e, acima de tudo, a alegria de viver. Cansado dos problemas de Luzia, o marido trocou-a por uma mulher jovem e não auxiliou no sustento da primeira família. Luzia enfrentou graves crises econômicas, faltando-lhe até mesmo alimento para dar aos filhos. Pelas informações das diversas entrevistas, é bastante comum a queda no padrão de vida da família abandonada pelo chefe e um dos motivos é o prolongado afastamento da cônjuge do mercado de trabalho, imposto pelo chefe. Esse afastamento dificulta o retorno ao mercado por causa da falta de experiência, de referências e pela idade avançada

A instabilidade das uniões conjugais é estimulada pelo fato de que a conquista identidade social positiva masculina depende da capacidade dele ter sob seu domínio uma mulher bonita e sedutora, como foi discutido acima. A atração dos chefes por mulheres jovens converge para o interesse das jovens em conquistar um provedor, por causa da estabilidade que eles podem oferecer. No caso da favela pesquisada, o isolamento imposto à cônjuge costuma desgastar a sua estima e aparência feminina, estimulando as relações extraconjugais do marido e o possível abandono da família por causa de uma jovem.

A entrevistada Ariadne (23 anos, morava no local há 12 anos) contou que as mães na favela preocupavam-se em casar suas filhas com homens que pudessem oferecer uma vida de luxo, a fim de escapar da trivial condição de vulnerabilidade do local. Isso revela a existência

de inúmeras candidatas jovens prontas para suceder cônjuges com idade mais avançada de chefes provedores. O tema é tão relevante na favela que o grupo dominante organizou um grupo de mulheres, denominado de As Serpentes, para defender cônjuges contra amantes arrebatadas, dispostas a provocar o rompimento da união conjugal para ocupar o papel de companheira principal do chefe provedor. As integrantes do grupo agrediam violentamente as amantes que se atreviam a perturbar a casa da cônjugue e sua família. A organização dessa guarda feminina robustece as desigualdades hierárquicas dos papéis na família, uma vez que legitima a relação extra-conjugal do homem, concomitante ao enaltecimento da instituição familiar, desde que, é claro, a cônjugue mantenha-se subalterna, nos estreitos limites do lar.

Vale ressaltar que a estabilidade da família não se relaciona apenas a relações materiais confortáveis, como ensinam os grupos que realizaram a revisão dos papéis sexuais. Segundo os resultados da pesquisa, uma das características desses grupos é a frágil inserção ocupacional do companheiro masculino, impondo a participação da companheira no mercado. Mas, a fragilidade material podia ser minimizada através da harmoniosa relação dos integrantes do grupo. Isso foi observado na família de Roderlei (mineiro, 40 anos, há 10 anos na favela) e Maria Freire (paulista, 47 anos, há 20 anos na favela). Roderlei migrou para a capital no início da década de 90, em pleno processo de transformação no mundo do trabalho. Ao contrário de migrantes que se instalaram na capital nas décadas de 60 e 70, quando ainda havia melhores oportunidades no mercado, Roderlei tornou-se refém das políticas de enxugamento de pessoal e do processo de terceirização, por isso ele só conseguia ocupações muito precárias ou temporárias. A sobrevivência da família - que se compunha do casal e mais dois filhos jovens (ambos da primeira união conjugal de Maria Freire) e mais duas meninas pequenas (a mais nova era do casal e a mais velha, da primeira união de Roderlei) - dependia da ativa participação de Maria Freire. Na época da entrevista, ela era a única a contribuir com rendimento estável. A despeito das dificuldades financeiras, a relação dos integrantes do grupo era harmoniosa e cooperativa. Roderlei realizava bicos e também cuidava das meninas menores, levava-as para a escola e outros compromissos de estudo, realizava pagamentos e auxiliava Maria Freire na administração das relações na família, acompanhando os problemas dos filhos jovens da cônjugue, apoiando-os. Enfim, os problemas financeiros não pareciam provocar brigas e discórdias entre eles, pelo contrário, um procurava auxiliar o outro. Certamente a harmonia observada decorre da capacidade de o casal suportar as crises de identidade provocadas pelo insucesso do homem no seu papel de provedor e também as eventuais ameaças de Maria Freire sucumbir diante das tarefas de dona-de-casa e, notadamente, contornar as expectativas produzidas pela estrutura hierárquica e desigual que organiza as relações entre os sexos.

Mesmo os chefes provedores entrevistados apoiavam as cônjuges no cuidado com a família. Isso significa que, embora a mulher seja a principal responsável pela administração das relações entre os integrantes do grupo, a harmonia da família depende da participação do chefe na educação dos filhos, no apoio à esposa em relação à solução de problemas domésticos etc. Assim sendo, é possível concluir que a possível estabilidade da família associada à presença de um chefe provedor não se limita à sua contribuição financeira, mas demanda o apoio para o bom relacionamento de todos os integrantes do grupo.

A trajetória da chefe de família Jacira (baiana, 32 anos, há 11 anos na favela) ensina como uma companhia masculina que não contribui no orçamento doméstico e também não apóia a mulher na administração das relações na família pode provocar situações de extrema vulnerabilidade. Até mesmo porque a família de Jacira experimentou condições menos vulneráveis exatamente no momento em que ela assumiu a chefia, livrando-se de um

companheiro que perturbava o ambiente doméstico. As mais graves crises que abalaram o grupo foram provocadas pelas companhias masculinas.

Jacira migrou da zona rural para São Paulo com vinte anos, trazendo a filha recém-nascida, para fugir do marido violento. Ela ocupou-se como doméstica logo nos primeiros dias na capital. O marido mudou-se para São Paulo, atrás de Jacira, de quem dependia economicamente. Ele prosseguiu nas agressões à esposa e passou a provocar problemas no seu trabalho, porque não simpatizava com a patroa de Jacira, que recriminava a violência que ele praticava contra Jacira. Essa patroa tentou ajudar Jacira na separação conjugal. Por fim, a pressão do marido levou Jacira a abandonar o emprego. Ela conseguiu um outro emprego doméstico, onde permaneceu por oito anos. Nessa época, Jacira e mais um irmão adquiriram um barraco na favela, onde ela passou a morar com o marido e a filha pequena. O marido passou a agredir Jacira constantemente para que ela abandonasse o barraco para ele. O marido também abusava sexualmente da filha. Jacira libertou-se do marido quando ele foi expulso da favela por um dos líderes do crime no local por desrespeitar uma das namoradas desse homem.

Livre do marido, Jacira pode dedicar-se ao emprego doméstico, apesar das dificuldades para conciliar as tarefas do trabalho com as domésticas, pois sua filha tinha apenas seis anos. Porém, ela contornou os problemas e construiu sozinha uma boa casa na favela e educou sua filha. Quando a sua vida parecia tranqüila, ela se envolveu com um outro homem, que logo se mudou para a casa da família. Jacira permaneceu no emprego doméstico, provendo o grupo, porque o novo companheiro não contribuía no orçamento. As bases dessa nova união eram instáveis, o que provocou problemas emocionais para a família, sem no entanto ameaçar a estabilidade material durante um bom tempo. E esse bom tempo encerrou-se no parto da filha do casal, quando um erro médico perfurou a cabeça da criança, provocando seqüelas que impediam o desenvolvimento de algumas atividades cerebrais. Assustado, o companheiro desapareceu para sempre.

Os problemas de saúde da menina obrigaram a dedicação integral de Jacira, que abandonou o trabalho, passando a realizar apenas alguns bicos, situação que provocou a crise econômica do grupo.

A triste história de Jacira permite concluir que, em algumas situações, um companheiro pode ser muito prejudicial para a estabilidade da família. Afinal, nos momentos em que esteve sozinha, bem ou mal, Jacira sustentou o grupo, engajando-se até mesmo em ambiciosos projetos como a construção da casa própria. Ao contrário, nos momentos em que contou com companhias masculinas, a sua capacidade de provedora foi afetada, e a vulnerabilidade do grupo foi intensificada pelas crises provocadas pelos homens. A trajetória de Jacira ensina que, eventualmente, as condições de famílias chefiadas por mulheres sozinhas podem ser mais positivas do que as que dispõem de um homem que prejudica o desempenho da mulher no mercado de trabalho e provoca instabilidade nas relações dos integrantes do grupo.

O mito da mãe

Embora as representações sociais atribuam aos chefes o papel de provedores, as formas precárias de inserção no mercado de trabalho impõem obstáculos a muitos deles, impedindo o cumprimento desse imperativo (Ferreira, 2002). Os graves problemas suscitados pela incapacidade de o chefe prover o grupo, entre eles a freqüente instabilidade das uniões conjugais, instiga a produção do mito da mãe. Trata-se de uma crença vinculada ao mito do

provedor, na medida em que ele atribui às mães a responsabilidade pela reestruturação do grupo, desorganizado pela ausência do provedor. De modo geral, os filhos de famílias abandonadas pelo provedor reconhecem a relevância do papel da mãe para garantir a sobrevivência do grupo. A frase mais citada por esses filhos foi: “minha mãe é tudo para mim”. A base dessa crença é a impressionante capacidade de muitas mulheres prover o grupo, a despeito de violentas adversidades.

Na verdade o mito da mãe transfere para as mulheres a responsabilidade de ultrapassar limites quase intransponíveis, como a organização de uma família despedaçada. Para tanto, atribui-se às mães o compromisso inquebrantável com os filhos. Isso é o que se revela no depoimento do entrevistado Denival (baiano, 20 anos, há três anos na favela): “minha mãe passava fome na casa dos meus irmãos, depois ela começou a sustentá-los porque, como dizem, a mãe pode ter o que for, mas jamais esquecerá dos filhos”. Denival sugere que mesmo diante das injustiças dos próprios filhos, que negaram alimento, a mãe não trai o seu compromisso fundamental, para tanto é capaz de perdoar ofensas imperdoáveis.

O enaltecimento do compromisso da mãe com os seus filhos é geral na favela, revelando um processo que busca naturalizar essa relação, como se a disposição das mulheres para sacrificar-se pelos filhos fosse uma extensão de predisposições naturais, biológicas. Entretanto, a transgressão a tal compromisso manifestou-se nas mesmas entrevistas que enalteciam o papel heróico da mãe. Ariadne (23 anos, morava no local há 12 anos), esposa de Denival, abandonou seus três filhos com a mãe para unir-se ao companheiro. Neusa (baiana, 47 anos, morava na favela há 18 anos) nunca perdoou a mãe natural que a doou para um casal, parente de seu pai, que não podia ter filhos. A mãe tomou essa decisão porque estava grávida de gêmeos e não tinha condições materiais de criar todos os filhos. Como eram gêmeos, ela conclui que poderia doar uma das filhas, já que uma outra, muito semelhante, permaneceria com ela. Tais transgressões indicam que a base do mito da mãe é mais cultural do que biológica.

Embora as histórias revelem a fragilidade do mito da mãe, as representações dos indivíduos sobre o inquebrantável compromisso materno busca forjar ilusões que lhes possibilitem sobreviver a uma realidade tão dura e, assim, driblarem a ausência de confiança, estabilidade, segurança e esperança no futuro. O problema é que esse mito termina por transferir à mulher elevadas expectativas, pelas quais ela tende a ser cobrada pela sociedade, embora pareça o seu cumprimento revele-se impossível.

“Antigamente as mulheres eram submissas, hoje elas querem ser independentes”

A literatura especializada comprova a crescente participação feminina no mercado de trabalho. Segundo Guimarães (1999), até a década de 70 as jovens solteiras e sem filhos respondiam pela principal participação feminina no mercado, mas atualmente elevou-se o índice de trabalhadoras mais velhas, casadas e mães. Dados do Dieese (2002) confirmam a destacada presença da mulher no mercado, pois em 2001 mais da metade da população feminina buscava ou já havia conseguido se colocar no mercado. Elas correspondiam a 45% da PEA, sendo que a Região Metropolitana paulista abrigava 45,0% da PEA feminina do país. As mais elevadas taxas de participação feminina ocorriam nas faixas de 16 a 24 anos e 25 a 39 anos, os dados comprovam a tendência de que a mulher não mais abandona o mercado na época do casamento e criação dos filhos.

A crescente participação da força de trabalho feminina pode ser explicada pela crise econômica do país, que agrava o orçamento das famílias, impulsionando outros integrantes, além do chefe provedor, a se lançar no mercado (Montali, 2004). Todavia, não parece convincente que essa seja a única explicação para a elevada presença feminina no mercado. Deve-se ressaltar a relevância dos impactos das transformações culturais que questionam as relações autoritárias e hierárquicas das famílias. Muitas mulheres ingressam no mercado apenas para dividir as responsabilidades pelo sustento do grupo ou conquistar a independência financeira em relação aos homens, a fim de contradizer o padrão hierárquico familiar. Essa tendência pode ser constatada, principalmente, nas trajetórias das jovens das famílias entrevistadas, uma vez que elas estabeleciam relações com o mundo de trabalho muito diferentes das de suas mães. E o interessante é que as novas atitudes das jovens filhas são apoiadas pelas mães e até mesmo pelos pais, que testemunham a contestação ao poder masculino.

Marta (mineira, 45 anos, há 7 anos na favela), uma das mães entrevistadas, introduziu as atuais mudanças nas relações entre homens e mulheres:

“Antigamente as mulheres eram submissas, hoje elas querem ser independentes. Tem mulheres casadas com uma boa vida financeira, mas que não são valorizadas pelo marido. Tem maridos violentos que batem na mulher, porque sempre houve maridos violentos, só que antes as mulheres toleravam, hoje, não, porque elas aprenderam a ser independentes. Então, elas vão viver a vida delas, sem o marido.”

Marta anuncia que atualmente as mulheres são mais independentes do que foram na geração anterior. A entrevistada Simone (paulista, 21 anos, nasceu na favela) explicou porque as mulheres das gerações anteriores submetiam-se à dependência ao poder masculino: “Antigamente as mulheres se casavam porque dependiam dos maridos. As mulheres casadas tinham um pouco mais de liberdade do que as mulheres solteiras. Mas hoje as mulheres não precisam mais casar para ter o sustento e a liberdade, elas conseguem isso sozinhas.”

Simone esclarece um aspecto muito importante: antigamente as mulheres casadas tinham mais liberdade do que as solteiras. Ou seja, apesar da desigualdade hierárquica que submete a mulher ao marido, ainda assim, as condições das casadas eram mais vantajosas do que as das solteiras. Desse modo, um suposto consentimento à dominação masculina justificaria-se pela ausência de alternativas, na medida em que esquivar-se do casamento poderia representar constrangimentos mais intensos à liberdade feminina.

O relato de Maria Freire (paulista, 47 anos, há 20 anos na favela) sobre o início de sua trajetória ocupacional explica os constrangimentos impostos às solteiras, dos quais elas buscavam livrar-se pelo casamento. Maria Freire contou que se casou aos dezesseis anos somente para desembaraçar-se dos desmandos de sua mãe, que lhe arrumou um emprego doméstico, no qual ela era obrigada a dormir. Ela tinha apenas 13 anos e já trabalhava o dia todo, sem tempo para dedicar-se a nenhum outro afazer que pudesse lhe interessar. Apesar de trabalhar duro, a mãe recebia a sua remuneração, que era integralmente aplicada no sustento dos irmãos menores. A sua total submissão aos poderes da mãe levaram Maria Freire a se casar com um homem mais velho, pouco conhecido, que passou a agredi-la. O casamento durou apenas três anos, mas apesar do infortúnio, o casamento libertou-a da mãe.

A história de Maria Freire permite reconhecer que em contrapartida à dominação masculina, o casamento possibilitava às mulheres conquistar o seu espaço: o lar. Como donas-de-casa elas alcançavam a identidade social positiva, o respeito da sociedade, pois se

responsabilizavam pela organização das relações dos integrantes do grupo. As solteiras, pelo contrário, permaneciam no espaço de poder da mãe, a verdadeira dona-de-casa, que exercia o comando e a quem elas deviam submeter-se.

O fato de que apenas o ingresso no mercado de trabalho não foi suficiente para Maria Freire conquistar a sua liberdade corrobora a hipótese de que a intransigência atual das mulheres em relação à dominação masculina não se explica somente pela sua maior participação no mercado nem à independência financeira. Na verdade, outros elementos participam desse processo de revisão das orientações das relações entre os sexos. A entrevistada Beatriz (paulista, 21 anos, há 19 na favela) por exemplo, revelou-se revoltada com o fato de sua mãe submeter-se ao marido. Apesar de confessar que o trabalho a satisfazia, a mãe de Beatriz se lançou à inatividade para dedicar-se exclusivamente ao lar, pois o seu maior sonho era ser mãe e não uma profissional. Beatriz, ao contrário, rejeitava o papel de dona-de-casa e afirmou que não iria se casar, porque a sua fonte de felicidade era o trabalho. Os resultados da pesquisa permitem concluir que há uma mudança nos registros pelos quais as mulheres alcançam a identidade social positiva. Se para a geração da mãe de Beatriz, essa identidade se apoiava primordialmente no papel social de dona-de-casa, nos tempos atuais, Beatriz pode conquistá-la pelo desempenho no mercado de trabalho e abdicar do papel que vincula a mulher à esfera da reprodução.

O depoimento da filha de Marta, a jovem Kelly (mineira, 17 anos, há 7 na favela) indica que, de modo geral, as mulheres mantêm o sonho do casamento, mas juntamente com a disposição de se realizarem profissionalmente, principalmente porque, nos tempos atuais, os rendimentos do trabalho asseguram a liberdade em relação à dominação masculina. Ela afirmou: “Tenho vontade de me casar, mas não tão cedo, quero crescer profissionalmente e morar sozinha e, mesmo casando, pretendo continuar trabalhando.”

Se o projeto do casamento se mantém como pretensão feminina, as expectativas em relação à organização das relações homem e mulher opõem-se à desigualdade hierárquica tradicional. As entrevistadas defenderam relações de companheirismo, divisão de responsabilidades na organização do lar e, acima de tudo, direitos iguais para os dois. O interessante é que muitos garotos entrevistados defenderam princípios semelhantes aos das garotas e confessaram o sonho de encontrar uma mulher com quem pudessem dividir a vida. Para tanto, eles anunciaram disposição para compartilhar as tarefas domésticas. O conteúdo das propostas das garotas sobre a união conjugal apontam o ideal do amor romântico, com destaque para a fidelidade, como explicou Kelly: “Acho ridículo o modo como alguns homens tratam as mulheres, na minha família mesmo, o homem faz a mulher de gato e sapato, eles não respeitam as mulheres. Eu não aceitaria um relacionamento em que o meu parceiro não me respeitasse, prefiro ficar sozinha.” O significado do termo “respeito”, empregado por Kelly e reproduzido por muitas outras entrevistadas, é a fidelidade do homem à mulher. Provavelmente, inúmeras razões contribuem para o espraiamento do ideal do amor romântico - que contrasta com a postura prática das mães em relação à escolha do companheiro - mas o que deve ser destacado aqui é a revisão de um padrão que possibilitava o domínio masculino sobre a mulher. Ou seja, as jovens entrevistadas anunciam a possibilidade de profundas transformações nas orientações das relações entre os sexos. Afinal elas informam intolerância a um comportamento muito comum no local onde vivem. Talvez, por isso mesmo, a maior parte das jovens entrevistadas com elevada escolaridade e que conquistaram bons empregos no mercado se recusavam a namorar rapazes da favela.

Certamente as recentes mudanças no mundo do trabalho favorecem às mulheres replicar o poder masculino. Isso porque, como discutido acima, a posição privilegiada dos

homens no mercado de trabalho, revertendo em melhores rendimentos, operou como uma das principais bases para o exercício do poder masculino no lar. Entretanto, para as novas gerações torna-se quase impossível a reprodução de trajetórias de chefes provedores de décadas atrás. Os rapazes da favela enfrentam sérios obstáculos para conquistarem uma posição no mercado. Muitos homens não têm mais condições de prover o lar de modo satisfatório, o que impossibilita à mulher construir sua identidade de modo positivo por meio do desempenho do papel de dona-de-casa. Subtraídos desse poder, para muitas mulheres os homens se tornam desinteressantes (Stier e Tienda: 2001: 5). Em oposição às dificuldades masculinas, muitas jovens da favela conseguiam boas colocações no mercado, principalmente no setor de serviços e comércio, devido a elevada escolaridade e a habilidade para lidar com o público. Ou seja, por causa de algumas revisões de orientações no mercado de trabalho, algumas mulheres da favela foram beneficiadas, estimulando a intransigência em relação a padrões de comportamento considerados legítimos até a geração anterior. É importante destacar que as oportunidades no mercado de trabalho não favoreciam a todas as jovens da favela, provavelmente a maioria delas empregava-se em serviços domésticos ou outras atividades mal-remuneradas, em que elas deviam realizar as mesmas tarefas de dona-de-casa. Contudo, o fato de as garotas solteiras e bem colocadas no mercado ostentarem um padrão de vida mais confortável do que a maioria das garotas casadas, além de desfrutarem de mais liberdade, certamente estimula o questionamento de padrões consolidados.

Deve-se enfatizar as características particulares da favela estudada. Isso porque a localização da favela possibilita aos seus moradores estabelecer contatos muito próximos com valores das classes médias e altas, o que certamente incide sobre as orientações tradicionais, típicas das zonas rurais, de onde migraram a maioria das gerações mais velhas. Não à toa, o marido de Jacira indispôs-se com a patroa da mulher, que era uma advogada separada do marido e que procurou auxiliar a empregada a desvencilhar-se de uma união autoritária e violenta. Depois, Jacira ocupou-se na casa de uma mulher que também era separada e manteve relações pessoais com a empregada. As jovens da favela freqüentam centros de consumo modernos, convivem com colegas de classe média em escolas públicas de bairros próximos e, nos programas sócias de ONGs, elas estabelecem contatos com artistas, intelectuais, profissionais da mídia etc. Portanto, as transformações de valores acerca das relações de homens e mulheres, nesse caso, devem ser contextualizadas, pois parecem sofrer influência do contexto sócio-cultural a que essa população têm acesso.

Talvez por esses motivos a jovem Ariadne (23 anos, morava no local há 12 anos), que por anos buscou estabilidade através de um companheiro provedor chegou à seguinte conclusão: “Hoje eu preferiria me virar sozinha, não sinto mais falta de homem. Homem só de longe, cada um para um lado, assim poderia fazer o que eu quero.”

O interessante é que a contestação da dominação masculina muitas vezes é apoiada pelos próprios chefes provedores, que exerceram autoridade sobre suas esposas, mas que agora defendem a independência de suas filhas. O chefe provedor Sebastião (64 anos, migrou da Bahia e morava na favela há 18 anos), que declarou que mulher tem que tomar conta da casa, orgulhava-se do sucesso de sua filha Simone (paulista, 21 anos, há 18 na favela). Ela conclui o ensino médio e conseguiu um bom emprego no programa social para atender alunos pobres da região, patrocinado por uma conceituada escola da rede privada, voltada para atender a classe alta. No emprego, Simone empregava os conhecimentos adquiridos na escola, com remuneração inicial semelhante à de seu pai, no final de sua trajetória, além das garantias associadas ao registro na carteira de trabalho. O sucesso de Simone justificavam o sacrifício de chefe provedor. Sebastião defendia a permanência de sua filha no mercado de

trabalho, mesmo depois de um possível casamento, por causa de suas oportunidades para desenvolver-se profissionalmente. Sebastião foi questionado por que defendia posições diferentes para a sua esposa e para a sua filha, pois ele se opôs à permanência da mulher no mercado, enquanto defendia veementemente a da filha. Ele respondeu que era diferente. A diferença entre Simone e sua mãe é o modo mais prestigioso com que Simone ingressou no mercado de trabalho: uma posição que exige força de trabalho qualificada, com possibilidade de mobilidade e boa remuneração. A mãe de Simone ocupou-se como doméstica, recebendo pouca remuneração.

A oposição do chefe provedor Sebastião à subalternidade de sua filha à dominação masculina converge para as descobertas de Assis (1999: 163) em seu estudo sobre emigrantes mineiros nos Estados Unidos. Segundo Assis, o sucesso profissional de emigrantes mineiras nos Estados Unidos, possibilitando a remessa de elevados valores para o local de origem, com os quais a família constrói sofisticadas residências, comprova o processo de mobilidade social feminino e estimula os pais a revisarem as suas representações tradicionais da divisão sexual dos papéis sociais. Se antes da emigração, os pais apoiavam a desigualdade hierárquica dos sexos, após o sucesso de suas filhas, eles converteram-se em defensores da independência e liberdade das mulheres.

As condições de trabalho positivas para as mulheres de modo algum são suficientes para abater a intolerância dos homens em relação à participação feminina no mercado, mas, associadas a outros fatores, podem provocar questionamentos ou, pelo menos, enfraquecer a base dos argumentos a favor da dominação masculina. As trajetórias das mulheres trabalhadoras sugerem que esse processo é sólido e já está estimulando importantes revisões na organização das relações familiares.

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. 1 ed. “Estar aqui ..., estar lá ... Uma cartografia ... da emigração valadarense para os EUA” In: REIS, Rossana Rocha e SALES, Teresa (orgs.) *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999, 125-166.
- CABANES, Robert. “Quelle approche biographique?” *Révue Internationale de Psychologie*, vol.VI, nº14, 2000, 1-17.
- DIEESE. “Jovens no mercado de trabalho” In. _____ *A situação do trabalho no Brasil*. São Paulo: Dieese, 2001, p.145-167.
- FERREIRA, Maria Inês Caetano. “A ronda da pobreza: violência e morte na solidariedade” *Novos Estudos Cebrap*, nº63, julho de 2002, 167-177.
- _____. *Trajetórias urbanas de moradores de uma favela de um distrito de elite na Capital paulista*. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo.
- GUIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo:Unesp, 1991.
- GUIMARÃES, Nadya. *Laboriosas, mas redundantes: diferenciais de gênero nos padrões de mobilidade no trabalho industrial nos anos 90*. Taller “Las transformaciones del trabajo, genero, flexibilización e inserción laboral femenina”, 24-26 de noviembre, 1999, Santiago de Chile.

LAUTIER, Bruno e PEREIRA, Jaime Marques. “Representações sociais e construção do mercado de trabalho: empregadas domésticas e operários da construção civil na América Latina”. *Cadernos CRH*, Salvador, nº21, jul/dez, 1994, 125-151.

MONTALI, Lilia. *Família e trabalho na conjuntura recessiva, crise e mudança na divisão sexual do trabalho*. 1995. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo.

_____. “Família e trabalho na reestruturação produtiva: ausência de políticas de emprego e deterioração das condições de vida”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol.15, nº42, p. 55-71, Fevereiro, 2000.

_____. *Rearranjos familiares de inserção, precarização do trabalho e empobrecimento*. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 20-24 de Setembro, 2004.

PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates*. Porto: Ambar, 2001.

PERALVA, Angelina. “O jovem como modelo cultural”. *Revista Brasileira de Educação*, Mai/Jun/Ago, nº5, Set/Out/Nov/Dez, nºe, 1997, 15-24p.

REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social” in: ____ (org.) *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, 15-38.

ROQUERA, Esperanza. “Efectos de la movilidad laboral em el rito de pasaje hacia el estado adulto: el caso español” In: PAIS, José Machado e CHRISHOLM, Lynne (coords.). *Jovens em mudança*. Actas do Congresso Internacional Growing up between centre and periphery, realizado em Lisboa, 2-4 de maio. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade Lisboa, 1997, 187-199.

STIER, Haya e TIENDA, Marta. “Poor people, poor places” ____ *The color of opportunity: pathways to family, welfare and work*. Chicago: The University of Chicago Press. 2001, p.1-27.

THOMPSON, Paul. “Des récits de vie a l’analyse du changement social”. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol LXIX, 1980, 249-268.

TELLES, Vera. *A cidadania inexistente: incivilidade e pobreza, um estudo sobre trabalho na Grande São Paulo*. 1992. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo.

_____. *Pobreza e cidadania*, São Paulo, Ed.34: Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001

VALENZUELA, Maria Elena. “Igualdade de oportunidades e discriminação de raça e gênero no mercado de trabalho no Brasil” In: POSTHUMA, Anne Caroline (org.) *Abertura e ajuste do mercado de trabalho no Brasil: políticas para conciliar os desafios de emprego e competitividade*. São Paulo: Editora 34: MTb/OIT, 1999, 149-177.